

Versão Online

ISBN 978-85-8015-053-7

Cadernos PDE

VOLUME II

O PROFESSOR PDE E OS DESAFIOS
DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE
Produção Didático-Pedagógica

2009

Ficha catalográfica Produção Didático-Pedagógica

Professor PDE/2009

Título	Material didático-pedagógico: Letramento literário para a formação de professores da Educação Infantil.
Autora	Lúcia Marinalva Galeti
Escola de Atuação	Instituto de Educação do Paraná Professor Erasmo Pilotto.
Município da escola	Curitiba – Pr.
Núcleo Regional de Educação	Curitiba
Orientador	Elsi do Rocio Cardoso Alano
Instituição de Ensino Superior	UFPR
Área do Conhecimento	Literatura e Educação
Produção Didático-Pedagógica	Caderno pedagógico
Relação Interdisciplinar	Não foi proposta tal relação
Público Alvo	Alunos (as) do Curso de Formação de Docentes do 3º ano do Instituto de Educação do Paraná – Professor Erasmo Pilotto.
Localização	Instituto de Educação do Paraná Profº Erasmo Pilotto, Rua Emiliano Pernetá, 92.
Apresentação	O presente material oferece aos professores e alunos que estão em formação docente subsídios para implementar ações que contribuam para a vivência de textos estético-literários e tem o objetivo de estimular e valorizar o repertório de leituras das crianças da educação infantil e das séries iniciais do ensino fundamental. O material está dividido em duas partes: Fundamentação teórica e encaminhamento metodológico que consiste no trabalho com quatro modalidades importantes para o estímulo da leitura e vivência de textos lúdicos/estéticos/ literários que são: as

	parlendas; as paródias; os trava-línguas; e os haicais. O uso desse material pressupõe sensibilização prévia das crianças e trabalho direto e dirigido à vivência e composição de textos orais e escritos das experiências das crianças.
Palavras-chave	Literatura. Educação e Ensino.

Letramento literário

Atividades pedagógicas para a formação
de professores da Educação Infantil

**Secretaria de Estado da Educação
Superintendência da Educação
Diretoria de Políticas e Programas Educacionais
Programa de Desenvolvimento Educacional- PDE**

**A literatura como prática social no curso de formação de docentes do
Instituto de Educação do Paraná Professor Erasmo Pilotto.**

**Material didático-pedagógico (caderno)
desenvolvido por Lúcia M. Galeti, na área
de Literatura e Educação/ (letramento
literário para educação infantil) sob a
orientação da Professora Elsi do Rocio
Cardoso Alano – UFPR.
Setor Litoral.**

**Curitiba
2010**

Sumário

1. Letramento literário: para quê te quero?.....	6
1.1 Fundamentação teórica.....	6
1.2 Letramento, e letramento literário: qual sua origem?.....	7
2. Encaminhamento metodológico.....	8
2.1 Antes de qualquer ação: discutindo identidades.....	8
2.2 Definindo os termos da questão.....	9
3. Encaminhamentos metodológicos: trabalho com parlendas/trava-línguas/ composição de paráfrase/paródia e hai-kais na sala de aula.....	13
3.1 Parlendas (textos): Oralização e sistematização do uso lúdico.....	13
3.2 Paráfrases/paródias haicais (hai-kais).....	17
4. Resultados esperados.....	19
5. Anexos: Lista de trava-línguas.....	20
6. Referências.....	24

1. Letramento literário: para quê te quero?

Em consonância com o projeto de intervenção pedagógica cujo eixo principal é *A Literatura como prática social* na formação de professores para Educação Infantil, e tendo em vista que um dos objetivos é discutir o papel e a função social da literatura na formação de alunos de nível médio que atuarão com crianças de pré-escola, este caderno pedagógico tem por objetivo fornecer algumas atividades que poderão servir como subsídios para estes futuros professores em sua atuação direta com essas crianças.

O eixo principal a ser desenvolvido é a oralidade e a vivência da linguagem artística (estética) com o fim de propiciar à criança o contato lúdico e prazeroso com o universo de textos literários.

Embora nosso objetivo principal, neste material, não seja discutir exaustivamente questões conceituais a respeito do letramento posto que estas já têm sido amplamente discutidas e estudadas no meio acadêmico, faremos um breve apanhado conceitual que servirá como fundamentação teórica para este trabalho.

1.1 Fundamentação teórica.

Para os estudiosos desta área, o conceito de letramento está relacionado ao início da valorização da escrita ocorrida a partir do século XVI, contudo ele não alcançou unanimidade entre os estudiosos do tema e se dividiu em duas vertentes a partir da década de 1980: o modelo autônomo e o modelo ideológico, segundo **Silva** (2002)

No modelo autônomo, a aquisição do letramento levaria à aquisição da lógica, de raciocínio crítico e de perspectivas científicas, tanto no nível social como no pessoal. O modelo ideológico tem como base o conceito de que a leitura e a escrita são práticas sociais entendidas não como um fim em si mesmas, mas como atividades que servem a um propósito.

Autônomo ou ideológico, parece-nos que o mais importante é que, a partir desta duas vertentes sobre a questão do letramento, o eixo de discussão sobre os métodos de ensino para a aprendizagem da criança se apresenta de forma Construtivista cuja ênfase recai no sujeito cognoscente (a criança) e no processo por ela desenvolvido. Por esta razão, o entendimento do que seja letramento é importante para situarmos o lugar da vivência literária na Educação Infantil como forma privilegiada para o desenvolvimento da linguagem e da escrita da criança.

[L 1] Comentário:
[REFLEXÕES ACERCA DO LETRAMENTO: ORIGEM, CONTEXTO HISTÓRICO E CARACTERÍSTICAS.](#)
 Neste artigo o autor Éilson M. Silva, mestre em educação pela UnB, faz reflexões sobre o conceito de letramento e cruza estudos de vários autores sobre as implicações da questão do letramento (inclusive o literário) para a aprendizagem da criança. Artigo disponível no site: <http://www.docstoc.com/docs> acessado no dia 18/04/2010.

1.2 Letramento literário: qual à sua origem?

Soares (2003), afirma que a denominação letramento é uma versão, em português, da palavra inglesa “*literacy*”. Palavra essa que quer dizer pessoa educada, especialmente capaz de ler e escrever (*educated; especially able to read and write*).

Assim, na concepção acima delineada, entendemos que a referida autora parte do pressuposto de que existe um “elo”, uma “conexão”, entre alfabetização e letramento.

Vamos mais adiante ainda: a autora concebe a alfabetização (aquisição do código da leitura e da escrita pelo sujeito) como pré-requisito para o letramento (apropriação e uso social da leitura e da escrita pelo sujeito).

Subjacente a essa concepção de letramento está a ideia de que a escrita pode trazer consequências de ordem social, cultural, política, econômica e linguísticas, “*quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprende a usá-la*” (SOARES,17).¹

Sob este viés de letramento e retomando o referencial teórico que consta na parte de intervenção pedagógica de nosso projeto *A literatura como prática social na formação docente de nível médio*, constatamos a importância da recepção na construção de sentido da vivência da linguagem literária, cujos pressupostos teóricos, segundo **Estética da Recepção**, são balizados pelo papel do leitor/receptor na construção de sentido para o texto e, mais do que isto, segundo Jauss:

*Resgata a função social da literatura que se manifesta em sua plenitude e possibilidades quando a experiência literária do leitor adentra o horizonte de expectativa de sua vida prática, pré-formando seu entendimento do mundo e, assim, retroagindo sobre seu comportamento social.*²

Dessa forma é de vital importância que pensemos na formação de um futuro professor como um leitor com fortes vínculos com sua realidade social e consciência de sua presença nesta realidade, para que também seu trabalho na Educação Infantil apresente reflexos que colocarão as atividades e ações com a linguagem literária num contexto mais amplo de práticas sociais. Por estas razões, propomos um caderno pedagógico cuja unidade didática contempla algumas ações que poderão auxiliar esse professor a pensar e implementar sua práxis com relação ao letramento literário com as crianças.

¹ SOARES, M. Letramento em três gêneros. Ed. Autêntica. Belo Horizonte 2003.

² JAUSS, H. R. A História da Literatura como Provocação Literária. Trad. de Teresa Cruz, Vega, Lisboa, 1993). p.50

2. Encaminhamento Metodológico

“O estudo da gramática não faz poetas. O estudo da harmonia não faz compositores. O estudo da psicologia não faz pessoas equilibradas. O estudo das "ciências da educação" não faz educadores. Educadores não podem ser produzidos. Educadores nascem.”

Rubem Alves.³

2.1 Antes de qualquer ação

João Carlos Martins comentando a teoria de Vygotsky argumenta que:

A psicologia sócio-histórica, que tem como base a teoria de Vygotsky, concebe o desenvolvimento humano a partir das relações sociais que a pessoa estabelece no decorrer da vida. Nesse referencial, o processo de ensino-aprendizagem também se constitui dentro de interações que vão se dando nos diversos contextos sociais. A sala de aula deve ser considerada um lugar privilegiado de sistematização do conhecimento e o professor um articulador na construção do saber.⁴

Assim sendo, e tendo como base tais pressupostos teóricos, o presente material pedagógico traz algumas sugestões e possibilidade de trabalho do professor junto a seus alunos numa perspectiva de interação. Por isso, propomos a seguinte sequência de atividades.

Trabalhando a identidade das crianças.

Pensando que as crianças no estágio de pré-escola estão no *Jardim*, podemos começar com uma sensibilização a respeito do reconhecimento de sua identidade. O professor pode propor uma roda de conversa/diálogo com as crianças partindo dos textos abaixo e fazer os questionamentos que estão na sequência:

Eu – Palavra Cantada

“Perguntei pra minha mãe: "Mãe, onde é que ocê nasceu?"

Ela então me respondeu que nasceu em Curitiba

³ ALVES, R. Conversa com Educadores. In__ A Casa de Rubem Alves. Site: <http://www.rubemalves.com.br> , acessado em 02/05/2010.

⁴ MARTINS, J. C. In__ Vygotski e o papel das interações na sala de aula: reconhecer e desvendar o mundo. Site: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br>. Acessado em 02/05/2010.

Mas que sua mãe que é minha avó
Era filha de um gaúcho que gostava de churrasco
E andava de bombacha e trabalhava no rancho”

[L 2] Comentário: Texto disponível e acessado da internet no dia 21/01/2010 site: <http://vagalume.uol.com.br/palavra-cantada>

- De onde viemos?
- Como nascemos?
- Como nossos pais se conheceram?

Após, enviar uma atividade para casa com a letra da música pedindo que os pais substituam a história contada na música pela própria história de cada um deles.

Solicitar aos pais fotos que registrem esse momento. Juntamente com esta atividade pode-se enviar também uma árvore genealógica simples (avós maternos e paternos, pai e mãe e se for o caso, irmãos) para que a família cole fotos para uma apreensão da criança sobre suas origens.

[L 3] Comentário: Sugestão: Para complementar o trabalho da história do nome e identidade de cada aluno, apresentar o livro “Marcelo, Marmelo, Martelo” de Ruth Rocha, o qual expressa o fato de todas as pessoas e coisas possuírem um nome. Além do texto: Elmer o elefante de David McKee, que trabalha a questão da identidade subjetiva e das diferenças entre as pessoas. As referências de tais materiais constam da bibliografia...

Depois destas atividades relacionadas ao reconhecimento da identidade dos pequenos sugerimos, para efetivamente entrar no trabalho com o letramento literário, a declamação e representação do poema Leilão de Jardim de Cecília Meireles, cujos objetivos podem ser o de explorar e promover a reflexão e a problematização a respeito da construção da escrita não somente representada caracteres (letras), mas também por meio de desenho. A interpretação gráfica feita pelas crianças servirá de baliza para o encaminhamentos de outras atividades literárias lúdicas, mas com objetivos pedagógicos bem delineados. Após estes primeiros encaminhamentos, propomos como opção de outras atividades lúdicas literárias, o trabalho com : *parlendas; trava-línguas; haicais-paródias*.

[L 4] Comentário: Quem me compra um jardim com flores? Borboletas de muitas cores...” Este material faz parte da coletânea... MEIRELES, Cecília. Ou isto ou aquilo. 5ª. Ed Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

2.2 Definição dos termos

Parlenda (trava-línguas) paródias-paráfrases e haicais⁵

- **Parlenda** (do verbo falar) ou **trava-línguas**, é uma forma literária tradicional, rimada com caráter infantil, de ritmo fácil e de forma rápida. Usada, em muitas ocasiões, para brincadeiras populares. Normalmente é uma arrumação de palavras

⁵ A composição de haicais (ou hai-kai grafia japonesa) que estamos sugerindo não seguirá a forma tradicional de origem rígida japonesa, porém partirá da essência do que seja haikai e proporá um trabalho que dialogará com a paródia de textos da tradição oral mantendo feições de haicais em sua forma livre.

sem acompanhamento de melodia, mas às vezes rimada, obedecendo a um ritmo que a própria metrificação lhe empresta. A finalidade é entreter a criança, ensinando-lhe algo. Algumas vezes, é chamada de trava-línguas, quando é repetida de forma rápida ou várias vezes seguidas, provocando um problema de dicção ou paralisia da língua, que diverte os ouvintes. Assim, pede-se a alguém que repita uma parlenda, em prosa ou verso, de forma rápida - "fale bem depressa" - "diga correndo" - ou que a repita várias vezes seguidas - "repita três vezes". As parlendas não são cantadas e, sim, declamadas em forma de texto, estabelecendo-se como base a acentuação verbal. Os portugueses denominam as parlendas cantilenas ou lengalengas. Na literatura oral é um dos entendimentos iniciais para a criança e uma das fórmulas verbais que ficam, indelévels, na memória adulta.

- **Paródia/paráfrase.** Antes de começarmos a entender sobre a maneira pela qual se conceituam estes termos, é importante lembrarmos sobre a questão da intertextualidade.

A intertextualidade se dá por intermédio do diálogo estabelecido entre dois textos. Mas de que forma isso acontece?

De acordo com Vânia Duarte, produtora e consultora para materiais pedagógicos da Escola Brasil:

Um exemplo bem simples é o título de uma redação, pois o “assunto” a ser discutido intertextualiza com nossas ideias, nosso conhecimento de mundo, ou seja, ninguém escreve ou fala sobre aquilo do qual não conhece ou não ouviu falar. Podemos tecer um texto intertextualizando uma música, uma pintura, uma reportagem publicada em um jornal, um assunto polêmico que circula na mídia, e muitos outros. A paródia e a paráfrase também são formas de intertextualização.

A paráfrase/paródia origina-se do grego “para-phrasis” (repetição de uma sentença). Assim, parafrasear um texto, significa recriá-lo com outras palavras, porém sua essência, seu conteúdo permanecem inalterados.⁶

A professora dá os seguintes exemplos para a definição fique mais clara:

Paráfrase:

⁶ DUARTE, V. O que é paráfrase e ou/paródia. Texto acessado em 30/04/2010 In <http://www.brasilecola.com/redação/paráfrase-paródia> .

Trecho do texto original:

*“Minha terra tem palmeira/onde canta o sabiá/as aves que aqui gorjeiam/não gorjeiam como lá”.*⁷

- **Paráfrase** *“Meus olhos brasileiros se fecham saudosos/minha boca procura a ‘canção do exílio/ eu tão esquecido de minha terra.../ (...) onde canta o sabiá.”*⁸

Segundo Duarte (2010) pode-se notar que o poeta modernista Carlos Drummond de Andrade faz somente uma recriação daquilo que Gonçalves Dias havia criado na era romântica. Portanto a criação de Drummond é uma paráfrase.

- **Paródia** é uma recriação baseada em um caráter contestador, às vezes até utilizando-se de uma certa dose de ironia e sarcasmo. Como exemplo o professor pode ler Canto de regresso à pátria de Oswald de Andrade:

“Minha terra tem palmares onde gorjeia o mar/(...) os passarinhos daqui não gorjeiam como os de lá.”

[L 5] Comentário: Para ler o texto na íntegra visite o site: acessado em 30/04/2010 <http://www.brasilecola.com/redação/paráfrase-paródia> . por: DUARTE, V. O que é paráfrase e ou/paródia.

- **Haikai.** O haikai tradicional japonês tem três características: a forma (teikei), o corte (kire) e a palavra de estação (kigo). Vamos exercitar a composição de haicais através do estudo destas características, a começar pela forma, que no haikai corresponde a três segmentos de 5, 7 e 5 sons, sem rima nem título. Na língua portuguesa, isso é representado por um poema de três versos (linhas), com 5, 7 e 5 sílabas poéticas. Não entraremos em detalhes sobre a contagem de sílabas poéticas (que é diferente da contagem de sílabas gramaticais) nesta unidade temática devido ao encaminhamento que estamos dando às atividades. Contudo, para saber mais, **consulte:**

[L 6] Comentário: capítulo sobre versificação de um bom livro de gramática, como a Nova Gramática do Português Contemporâneo, de Cunha e Cintra (ed. Nova Fronteira).

Ao tentar escrever haicais em português, a pergunta que surge é como legitimar os poemas resultantes em relação à tradição de origem. Em outras palavras, quando desejamos escrever um haikai, quais devem ser as características que devemos levar em conta para que o resultado mereça o nome de haikai. Muitas são as correntes de

⁷ DIAS, G... Canção do Exílio. In__ Literatura Comentada. Nova Cultural, 1988.

⁸ ANDRADE, C. D. Antologia Poética. Rio de Janeiro, Record, 1990.

pensamento a respeito, mas uma coisa é certa: Para que um poema possa se chamar de haikai, é necessário que reproduza, em grau maior ou menor, uma ou mais características do haikai japonês. São tais características que iremos examinar, esperando que possam servir de orientação para os leitores que se iniciam nesta arte.

De acordo com Grossi: (2009)

O haikai japonês é um tipo de poesia com três características: a forma, o corte e o kigo. O kigo (costuma-se usar o termo em japonês ao invés de sua tradução: palavra-de-estação) é um termo ou expressão que indica a estação do ano em que se situa o haikai. Os japoneses possuem uma compreensão muito rica e sutil da passagem das estações, marcada por plantas, animais, paisagens e ações humanas específicas de cada época. Um haikai tradicional japonês deve ter obrigatoriamente um kigo. Já a forma (em japonês: teikei) do haikai consiste em três segmentos de 5, 7 e 5 sons (onji), sem rima nem título. Em línguas ocidentais, comenta ela, os três segmentos são geralmente entendidos como três linhas distintas (versos), sendo a primeira linha de 5 sílabas, a segunda linha de 7 sílabas e a terceira de 5 sílabas. O corte (kire) é a divisão do haikai em duas metades. Podemos dizer que um haikai se divide em duas frases de sentido completo, distribuídas pelos três segmentos. Em japonês, a divisão entre as duas frases é marcada por palavras tradicionais chamadas de “palavras-de-corte” (kireji). No Ocidente, o corte normalmente é indicado por sinais de pontuação ao fim da primeira ou da segunda linha.⁹

Sobre o que compor? A professora responde:

Para facilitar o entendimento, argumenta que qualquer haikai, mesmo o mais sublime dos clássicos, começa de uma descrição muito objetiva, como uma fotografia. Portanto, voltemos nossos olhos à paisagem ao redor, como fotógrafos, procurando cenas interessantes. Por exemplo, podemos observar o **fim de ano**, que é uma época de confraternização e muitas festas. Em uma delas alguém lê um texto e a pessoal em volta acompanham e repetem o verso que resume o sentido da mensagem: “É verão, o tempo passou...festa em início de estação”. Poderíamos ficar na descrição das imagens que a

⁹ GROSSI, M. A. *Hai-kais* com quantas palavras se faz um poema. Sugestão de trabalho pedagógico com haicais. In <http://portaldoprofessor.mec.gov.br>, em 20/03/2010.

cena nos induz a criar na memória, ou podermos dividi-la em três versos sem a preocupação de contar as sílabas poéticas:

É verão...o tempo passou...fim, Início de nova estação. Conclui.¹⁰

3. Encaminhamentos metodológicos: trabalho com parlendas/trava-línguas, composição de paráfrase/paródias e haicais na sala de aula

Parlendas e/ou trava-línguas fazem parte das manifestações orais da cultura popular, são elementos do nosso folclore, como as lendas, os acalantos, as adivinhas e os contos entre outros. Em relação ao *trava-línguas* o que faz as crianças repeti-los é o desafio de reproduzi-los sem errar. Entra aqui também a questão do ritmo, pois elas começam a perceber que, quanto mais rápido tentam dizer, maior é a chance de não concluir o trava-línguas. Esse tipo de poema pode ser um bom recurso para trabalhar a leitura oral, com o cuidado de não expor alunos com mais dificuldades. É nessa leitura que melhor se observa o efeito do trava-línguas e, dependendo da atividade, passa a ser uma brincadeira que agrada sempre. Os trava-línguas podem ainda ser escritos para criar uma coletânea de elementos do folclore e pesquisados em diferentes fontes: livros, sites na internet ou revistas de passatempos. Antes de iniciarmos as atividades, abaixo um exemplo clássico de parlenda/ trava-línguas bem conhecidos da tradição oral.

3.1 Parlendas/trava-línguas

“Eu sempre quis o encriançamento da palavra”.

Manoel de Barros

Início de conversa: leia como exemplo para as crianças o seguinte texto:

¹⁰ *Idem.*

"O tempo perguntou para o tempo qual é o tempo que o tempo tem. O tempo respondeu pro tempo que não tem tempo de dizer pro tempo que o tempo do tempo é o tempo que o tempo tem".

[L 7] Comentário: Professor, para aprofundar a discussão sobre a questão do tempo você pode propor que as crianças leiam O Rei e o Tempo, texto em que os autores Luiza Mara e Salmo Dansa discutem ludicamente a concepção de tempo. Editora Scipione, 1ª Ed. 2004 – Curitiba- Pr.

Agora que você já conhece a definição de parlendas/trava-línguas, na sequência encaminhamos algumas sugestões de atividades:

Primeiro momento:

Vamos brincar de ouvir algumas parlendas. Leia os textos da tradição oral de (domínio público) para as crianças e as faça repetir oralmente alguns trechos.

*Pisei na
Na pedrinha
Pedrinha rolou
Pisquei pro
mocinho
Mocinho gostou
Contei prá
mamãe, mamãe
nem
Ligou
Contei pro papai
Chinelo cantou.*

*Batatinha quando nasce
Espalha a rama pelo chão.
Menininha quando dorme
Põe a mão no coração.*

*Lá em cima do
piano,
Tem um copo de
veneno
Quem bebeu
morreu.
O azar foi seu!*

*Seu tatu ta
aí?
Não, seu tatu não ta,
Mas a mulher do
tatu tando,
É o mesmo que o
Tatu ta!
Então ta.*

*Galinha choca
Comeu minhoca
Saiu pulando
Feito pipoca.*

O doce perguntou pro doce: Qual é o doce mais doce que o doce de batata doce?

O doce respondeu pro doce que o doce mais doce que o doce de batata doce é o doce de batata doce.

*Meio dia,
Panela no fogo,
Barriga vazia.
Macaco torrado,
Que vem da Bahia,
Fazendo careta,
Pra dona Sofia.*

*Hoje é domingo
Pé de cachimbo
Cachimbo é de barro
Bate no jarro
Jarro é fino
Bate no sino*

*Cai no
Buraco
Buraco
É fundo
Acabou-se o
mundo.*

*Sino é de ouro
Bate no touro
Touro é valente
Bate na gente
A gente é fraco*

*Fui no cemitério,
Tério, tério, tério,
Era meia noite,
Noite, noite, noite
Tinha uma
caveira,
Veira, veira, veira
Era vagabunda,
Bunda, bunda,
bunda
Olha o respeito,
Peito, peito, peito.*

Segundo Momento:

Depois de ter brincado com as crianças, sistematize a atividade.

Pensando que as crianças ainda são pequenas e talvez não conheçam as parlendas, é importante que o professor crie uma estratégia para fazer com que elas aprendam as palavras. O professor pode brincar de “repeteco”. Primeiro o professor pergunta quem sabe o que é uma parlenda. A partir das respostas das crianças o professor complementa explicando que uma parlenda é composta por versinhos com temática infantil que são recitados em brincadeiras de crianças. Possuem uma rima fácil, divertida e fácil de aprender. Se as crianças disserem que sabem alguma é importante aproveitar o que elas trazem e já recitar a delas. Mesmo assim a brincadeira do repeteco funciona bem. O professor brinca: “eu falo e vocês repetem tá?” e vai dizendo parte por parte da parlenda para as crianças repetirem e assim aprenderem. Envolver as famílias nesse trabalho, pois muitas parlendas são antigas e, algumas delas, foram criadas, há décadas, então envie uma atividade de casa em que a criança conversará com a família sobre esses versos. Ela deverá escolher uma parlenda conhecida na família para, com a ajuda de um adulto, registrar com escrita e desenho.

Terceiro Momento:

No retorno da atividade enviada para casa, socialize-as com o grupo em uma rodinha. Exponha as parlendas em sala na altura das crianças e aprecie e leia com elas em grupo.

Quarto Momento:

Crie o hábito diário de recitar parlendas com as crianças na hora da roda e em outros momentos, como no caminho da ida ao parque, ao refeitório, etc.

Quinto Momento:

Escolha com as crianças uma parlenda para ser apresentada pelo grupo às outras crianças da Educação Infantil e aos pais. No decorrer dos ensaios desenvolva atividades de registro dessa parlenda. Tais atividades podem ser de ilustração da parlenda; procurar determinada letra na parlenda; procurar as palavras que rimam, construir com

massinha de modelar os objetos ou personagens que aparecem na parlenda, dentre outras possibilidades que o professor quiser criar junto com as crianças.

Sexto Momento:

Faça a culminância do trabalho com a apresentação da parlenda escolhida pela turma às demais crianças e aos pais e com a exposição dos trabalhos..

3.2 Paráfrases/paródias e haicais

Desenvolvendo atividades com paródias/paráfrase e haicais. O que o aluno poderá aprender com esta atividade.

- Conhecer o *Hai-kai*, gênero poético de origem japonesa, que tem a síntese como característica principal;
- Perceber que muitas ideias podem ser expressas em poucas palavras.
- Expressar de maneira singular e sintética uma impressão, um conceito qualquer;
- Desenvolver a leitura e a escrita de textos poéticos, tendo o Haicai como modelo;
- Exercitar a linguagem oral para expressar a poesia contida nos versos.

Conhecimentos prévios trabalhados pelo professor com o aluno.

O professor deverá rever o conceito de sílaba gramatical para introduzir a noção de sílaba poética. Tal noção deverá ser introduzida durante as atividades, não antes de desenvolvê-las.

Estratégias de coes para esta atividade

Os haicais podem ser apresentados nos livros, mas também transcritos em folhas de papel separadas, ou lidos em:

Abaixo encontramos sete textos paráfrases /poródias de textos e/ou ou excertos de textos que as crianças facilmente reconhecerão quando o professor lhes apresentar os textos originais ou mesmo antes disso. O professor pode partir desta estratégia para depois propor a composição oral e posteriormente o registro escrito das produções das crianças. Sugerimos o uso do já sabido e tradicional material como: papel e caneta hidrocor colorida ou lápis de cera colorido, fita crepe que auxiliarão no registro da

[L 8] Comentário: Neste material trazemos a definição dos termos: r paráfrase e paródia com exemplos e uma produção de texto de autoria própria que o professor poderá tomar como base para compor e ser autor de seu próprio seu material . Com relação aos *hai-Kais* não compusemos nenhum especificamente, porém no site que consta do comentário abaixo, o professor poderá ler e encontrar vasto material de apoio para trabalhar com as crianças esse modalidade textual, tanto na oralidade quanto no registro daquilo que as crianças vierem a produzir..

[L 9] Comentário: http://www.fisica.ufpb.br/~romero/port/ga_hkb_rasileiros.htm#Mil

composição feita pelas crianças. Os trabalhos, composições, podem ser publicados no mural da sala ou da escola. Produzimos estes paráfrase/paródias especialmente para este material.

*Batatinha quando nasce
Alimenta a nação
Mas você não tem noção
Como ela engorda*

*Tango, tango, tango
morena
Essa é uma dança típica
argentina
Prefiro samba.*

*No alto daquele morro
Tem um copo de limonada
Com pouco açúcar
Que é para não engordar.*

*Era uma casa
Muito engraçada
Nela tinha tudo
Não me faltava nada...
Por isso
Tudo acabou em
Gargalhada...*

*O cravo brigou com
A Rosa
Eu disse: “pare!
Não se deve brigar
Com uma flor”!*

**Seu lobo,
Para quê uma boca tão
grande?
Para dizer:
“Eu te amo!**

**Fui no tororó
Buscar água
E encontrei
Mas não peguei
Pensei:
Devo preservar para
futuras
Gerações.**

Depois desta atividade, compare os textos parafraseados e/ou parodiados com os textos originais e proponha que, oralmente as crianças substituam palavras ou frases para compor os seus próprios haicais/paródias. Exemplo: Seu lobo, para quê uma boca tão grande (...) a criança completa e assim encaminhe as atividades que poderão ser expostas para a sala e/ou grupo depois de registradas e concluídas.

4. Resultados esperados

Os resultados que esperamos ao propormos um caderno pedagógico que contém algumas sequências didáticas desta natureza é que o aluno, da formação docente de nível médio, desenvolva conhecimento teórico e prático das questões relacionadas ao letramento e, mais especificamente, o letramento literário, sob uma perspectiva sócio-interacionista-construtivista em que o lúdico e o estético sejam privilegiados antes de quaisquer ações pedagógicas dirigidas, isso para que os textos literários não sejam utilizados tão somente como pretexto para o processo de ensino-aprendizagem de um conteúdo específico haja vista que, em princípio, a literatura não tem essa função, senão, tão somente se presta a isso quando da nossa manipulação de suas possibilidades.

Na sequência, na sessão, *anexos* há uma lista de parlendas e trava-línguas, a maioria já conhecidos da tradição oral. A partir disso o futuro professor pode pensar em maneiras e estratégias de como melhor trabalhar com eles junto às crianças, podendo se valer, para implementar sua práxis, do embasamento teórico-metodológico que propusemos ao longo deste caderno pedagógico, bem como da bibliografia indicada. Neste momento o professor poderá conjugar a alfabetização da letra com o letramento literário uma vez que, sob a perspectiva teórica que adotamos, ambas instâncias são diferentes, porém se complementam.

[L 10] Comentário: Sugerimos para introduzir o trabalho com trava-língua que o professor proponha que os alunos ouçam: Coco do trava-língua de Cachimbino e Geraldo Mousinho, interpretado por Zeca Baleiro no Cd O coração do homem bomba (ao vivo) 2009.

5. Anexos

Sugestão de textos: parlendas e trava-línguas

Trabalhando com trava-línguas e/ou parlendas

O professor pode ler e pedir às crianças que selecionam três ou quatro da linstagem abaixo e façam um jogral para apresentar para a turma. Outras estratégias deverão ser pensadas e implementadas de acordo com a interação responsiva das crianças envolvidas na atividade.

- Se cá nevasse, fazia-se cá ski.
- Fui ao mar colher cordões, vim do mar cordões colhi.
- Uma aranha dentro da jarra. Nem a jarra arranha a aranha nem a aranha arranha a jarra.
- A aranha arranha a rã. A rã não arranha a aranha.
- Sobre aquela serra há uma arara loura. A arara loura falará? Fala, arara loura!
- Chupa cana chupador de cana na cama chupa cana chuta cama cai no chão.
- A vida é uma sucessiva sucessão de sucessões que se sucedem sucessivamente, sem suceder o sucesso...
- Trazei três pratos de trigo para três tigres tristes comerem.
- A vaca malhada foi molhada por outra vaca molhada e malhada.
- Comprei uma arara rara em Araraquara.
- Em rápido raptou, um rápido rato raptou três ratos sem deixar rastros.
- Pedro Pereira Pedrosa pediu passagem para Pirapora.
- Pode passar, porteiro para pegar peixe piau.
- O princípio principal do príncipe principiava principalmente no princípio principesco da princesa.
- O Tempo perguntou ao tempo quanto tempo o tempo tem, o Tempo respondeu ao tempo que o tempo tem tanto tempo quanto tempo, tempo tem.
- Há quatro quadros três e três quadros quatro. Sendo que quatro destes quadros são quadrados, um dos quadros quatro e três dos quadros três. Os três quadros que não são quadrados, são dois dos quadros quatro e um dos quadros três.
- Casa suja, chão sujo.
- Num ninho de mafagafos tem seis mafagafinhos. Quem os desmafagafizar bom desmafagafizador será. O bispo de Constantinopla, é um bom desconstantinopolitanizador. Quem o desconstantinopolitanizar, um bom desconstantinopolitanizador será.
- Não confunda cafetão de gravata com capitão de fragata.
- O pelo do peito do pé do Pedro é preto.
- Pinga a pia apara o prato, pia o pinto e mia o gato.
- Não confunda ornitorrinco com otorrinolaringologista, ornitorrinco com ornitologista, ornitologista com otorrinolaringologista, porque ornitorrinco é

ornitorrinco, ornitologista é ornitologista, e otorrinolaringologista é otorrinolaringologista.

- O original não se desoriginaliza! O original não se desoriginaliza! O original não se desoriginaliza! Se desoriginalizásemo-lo original não seria!
- Quico quer caqui. Que caqui que o Quico quer? O Quico quer qualquer caqui.
- Toco preto, porco fresco, corpo crespo.
- Uma trinca de trancas trancou Tancredo.
- Atrás da pia tem um prato, um pinto e um gato. Pinga a pia, para o prato, pia o pinto e mia o gato.
- Se o Arcebispo-Bispo de Constantinopla a quisesse desconstantinoplizar, não haveria desconstantinoplizador que a desconstantinoplizasse desconstantinoplizadamente.
- Pedro pediu permissão para passar pelo portão para pegar o pinto pelado pelo pescoço.
- Percebeste ou fingiste que percebeste para que os outros percebessem que tivesses percebido, percebeste?
- Atrás do quadro da escola bibliotécnica estava um papibaquígrafo.
- O doce perguntou pro doce qual era o doce que era mais doce e o doce respondeu pro doce que o doce que era mais doce era o doce de batata-doce.
- Luzia lustrava o lustre listrado, o lustre listrado luzia.
- Um limão, mil limões, um milhão de limões.
- Um tigre, dois tigres, três tigres.
- Perto daquele ripado está falando um pardal pardo. - Pardal pardo porque palras? - Eu palro e palrarei porque sou o pardal pardo palrador D'el Rei!
- O rato roeu a roupa do Rei da Rússia que a Rainha, com raiva, resolveu remendar.
- Um prato de trigo para um tigre, dois pratos de trigo para dois tigres, três pratos de trigo para três tigres, etc...
- Três tigrestistes omiam em um prato de trigo.
- O original nunca se desoriginou e nem nunca se desoriginalizará.
- Qual é o doce que é mais doce que o doce de batata doce?
- Respondi que o doce que é mais doce que o doce de batata doce é o doce que é feito com o doce do doce de batata doce.
- Sabendo o que sei e sabendo o que sabes e o que não sabes e o que não sabemos, ambos saberemos se somos sábios, sabidos ou simplesmente saberemos se somos sabedores.
- O tempo perguntou ao tempo qual é o tempo que o tempo tem. O tempo respondeu ao tempo que não tem tempo para dizer ao tempo que o tempo do tempo é o tempo que o tempo tem.
- Embaixo da pia tem um pinto que pia, quanto mais a pia pinga mais o pinto pia!
- Se o príncipe de Constantinopla quisesse se desconstantinopolizar qual seria o desconstantinopolizador que iria a Constantinopla para desconstantinopolizá-lo? A sábia não sabia que o sábio sabia que o sabiá sabia que o sábio não sabia que o sabiá não sabia que a sábia não sabia que o sabiá sabia assobiar.
- O desinquivincavacador das caravelarias desinquivincavacaria as cavidades que deveriam ser desinquivincavacadas.
- Perlustrando patética petição produzida pela postulante, prevemos possibilidade para pervencê-la porquanto perecem pressupostos primários permissíveis para propugnar pelo presente pleito pois prejudgamos pugna pretárita perfeitíssima.

- Disseram que na minha rua tem paralelepípedo feito de paralelogramos. Seis paralelogramos tem um paralelepípedo. Mil paralelepípedos tem uma paralelepipedovia. Uma paralelepipedovia tem mil paralelogramos. Então uma paralelepipedovia é uma paralelogramolândia?
- Os naturalistas ão naturalmente naturais por natureza.
- Em uma casa tem quatro quartos. Em cada quarto tem quatro quadro. E cada quadro é quadrado. Quantos quadros quadrados tem na casa?
- Verbo *tagarelar* no tempo condicional:
 - Eu tagarelaria
 - Tu tagarelarias
 - Ele tagarelaria
 - Nós tagarelariamos
 - Vós tagarelariéis
 - Eles tagarelariam.
- O rei de Roma ruma a Madri.
- Rosa vai dizer à Rita que o rato roeu a roupa do rei de Roma.
- O rato roer roía e, a Rosa Rita Ramalho, do rato a roer se ria!
- O rato roeu a rolha da garrafa da rainha.
- O pinto pia, a pia pinga. Quanto mais o pinto pia, mais a pia pinga.
- A pia perto do pinto, o pinto perto da pia, tanto mais a pia pinga, mais o pio pinta.
- A pia pinga, o pinto pia, pinga a pia, pia o pinto, o pinto perto da pia, a pia perto do pinto.
- Atrás da pia tem um prato, um pinto e um gato. Pinga a pia, apara o prato, pia o pinto e mia o gato
- A espingarda destravíncula-pinculá. Quem destravíncula ela, bom destravíncula-pinculador será.
- Tem uma tatu-peba, com sete tatu-pebinha. Quem destatupebá ela, bom destatupebador será.
- No cume daquele morro, tem uma cobra enrodilhada. Quem a cobra desenrodilhá, bom desenrodilhado será.
- No morro chato, tem uma moça chata, com um tacho chato, no chato da cabeça. Moça chata, esse tacho chato é seu?
- Um ninho de carrapatos, cheio de carrapatinhos, qual o bom carrapateador, que o descarrapateará?
- Agá, agá, agá, a galinha quer botar. Ijê, ijê, ijê, minha mãe me deu uma surra, fui parar no Tietê. Alô, alô, o galo já cantou. Amarelo, amarelo, fui parar no cemitério. Roxo, roxo, fui parar dentro do cocho.
- O Papa papa o papo do pato
- Um prato de papa dentro do papo do papa.
- A batina do padre Pedro é preta.
- O peito do pé de Pedro é preto.
- É preto o prato do pato preto.
- O Pedro pregou um prego na pedra.
- Pedro pregou um prego na porta preta.
- O padre Pedro tem um prato de prata.
- O meu vira lata usa gravata.

- O padre pouca capa tem, pouca capa compra.
- O pelo do peito do pé do pai do padre Pedro é preto.
- O padre Pedro deu uma topada na pedra preta.
- Pedro tem o peito preto. Preto é o peito de Pedro. Quem disser que o peito de Pedro não é preto, tem o peito mais preto que o peito de Pedro.
- - Pedreiro da catedral está aqui o padre Pedro? - Qual padre Pedro? - O padre Pedro Pires Pisco Pascoal. - Aqui na catedral tem três padres Pedros Pires Piscos Pascoais. Como em outras catedrais.
- Paulo Pereira Pinto Peixoto, pobre pintor português, pinta perfeitamente, portas, paredes e pias, por pouco preço, patrão.
- O Original não se desoriginaliza.
- Quem for um parangamirotirimiariadolizador será um parangamirotirimiroaro
- Uma trinca de pregos pregou Jesus na cruz do meu amigo avestruz.
- O peito do pé de Pedro é preto, se o peito do pé de pedro é preto, o pedro é preto.
- O Rio Capibariba está descapibarizado, quem o descapibarizou foi o descapibarizador.
- Uma jabuticabeira velha, pergunta para uma pequenina jabuticabeira:

- Jabuticabeira pequenina, quanto te despequeninajabuticabeirarizas tú?

Então, a pequenina jabuticabeira falou:

-Eu me despequeninajabuticabeirarizarei ao se

despequeninajabuticabeirarizarem todas as pequeninas jabuticabeiras ainda não despequeninajabuticabeirarizadas

- Fui caçar socó, caçei socó só, soquei socó no saco socando com um soco só.
- Se vaivém fosse e viesse, vaivém ia, mas como vaivém vai e não vem, vaivém não vai.

[L 11] Comentário: •HEYLE N, Jacqueline. **Parlenda, riqueza folclórica; base para a educação e iniciação à música.** 2ª ed. São Paulo, Editora HUCITEC, 1991. DA SILVA, Regina Helena Franke, **Revista Nova Escola.** O [Wikiquote](#) tem uma coleção de citações de ou sobre: [Trava-línguas](#).
Obtido em "<http://pt.wikipedia.org/wiki/Trava-l%C3%A9guas>"
•In: <http://vagalume.uol.com.br/palavra-cantada/eu.html> acessado em 18/04/2010.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Antologia Poética**. Rio de Janeiro, Record, 1990.
- DUARTE, Vânia. **O que é paráfrase e ou/paródia**. Texto acessado em 30/04/2010 In__ <http://www.brasilecola.com/redação/paráfrase-paródia> .
- BARROS, Manoel de. **Entrevista à Revista Cult**. Maio de 2010.
- DIAS, GONÇALVES,. **Canção do Exílio**. In__ *Literatura Comentada*. Nova Cultural, 1988.
- FERNANDES, Millôr *Hai-kais*. Porto Alegre. L&PM Pocket. 2000.
- FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre a alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1991. 108 p.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez,1991. 110 p.
- _____. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. 119 p.
- GOODY. Jack. **The domestication of the savage mind**. Cambridge: Cambridge University, 1977.123 p.
- _____. **A lógica da escrita e a organização da sociedade**. Lisboa: Edições 70, 1987. 113 p.
- GRAFF, H. J. **The literacy myth: literacy and social structure in the 19th century**.Nova York: Academic Press, 1979. 125 p. (texto traduzido).
- HAVELOCK, E. **The literate revolution in Greece and its cultural consequences**. Princeton University Press, 1982. 112 p. (texto traduzido).
- HEATH, Shirley Brice. **“What no bedtime story means: narrative skillss at home and school**. *Language in Society*, 1982. 109 p. (texto traduzido).
- HEYLEN, Jacqueline. **Parlenda, riqueza folclórica; base para a educação e iniciação à música**. 2ª ed. São Paulo, Editora HUCITEC, 1991.
- JAUSS, Hans Robert. **A História da Literatura como Provocação Literária**. Trad. de Teresa Cruz, Vega, Lisboa, 1993). p.50
- HOUAISS, Antonio. **Dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. 3000 p.
- KATO, Mary. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística**. São Paulo: Ática, 1986. 98 p.
- KLEIMAN, Ângela & SIGNORINI, Inês (Org.). **O ensino e a formação do professor: alfabetização de jovens e adultos**. Porto Alegre - RS: Artes Médicas, 2001. 119 p.

- _____(Org.). **Os significados do letramento**. Campinas - SP: Mercado das Letras, 1995. 295 p.
- MCKEE, David. **Helmer, o elefante**. Editora Caminho. Rio de Janeiro, 2007.
- MARA, Luiza Dansa Salmo. **O Rei e o Tempo**. Editora Scipione, 1ª Ed. 2004 – Curitiba- Pr.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Letramento e oralidade no contexto das práticas sociais e eventos comunicativos**. In: **Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento**. Campinas – SP: Mercado das Letras, 1991. 13-29 p.
- MARTINS, João Carlos. In__**Vygostski e o papel das interações na sala de aula: reconhecer e desvendar o mundo**. Site: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br>. Acessado em 02/05/2010.
- MEIRELES, Cecília. **Ou isto ou aquilo**. 5ª. Ed Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.
- NETO, Miguel Sanches. Abandono: **Hai-kais** (s/d). Ponta Grossa. Edições do Autor.
- OLSON, David R. **O mundo no papel: as implicações conceituais e cognitivas da leitura e da escrita**. São Paulo: Ática, 1997. 328 p.
- ONG, W. J. Orality and literacy.,**The technologizing of the word**. Londres: Meuthen, 1982. 210 p.(texto traduzido).
- RIOS, Maria da Graça. **Hai-cai balão**. Belo Horizonte: Miguilim.1991
- ROCHA, Ruth. **Marcelo, marmelo, martelo e outras histórias**. Editora Salamandra. Rio de Janeiro, 1976
- ROJO, Roxane. (Org.). **Alfabetização e letramento**. Campinas - SP: Mercado das Letras, 1998. 232 p.
- RUIZ, Alice. **Desorientais: hai-kais** São Paulo: Iluminuras. 1996.
- SCRIBNER, S. & COLE, M. **The psychology of literacy**. Cambridge: Harvard University, 1981. 212 p.(texto traduzido)
- SOARES, MAGDA. **Letramento em três gêneros**. Ed. Autêntica.Belo Horizonte 2003.
- SILVA, M. Élson. **Um estudo etnográfico de uma alfabetizada e sua relação com o letramento**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação da UnB, 2002. 123 p.
- SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998. 125 p.

STREET. B.V. **Literacy in theory and practice**. Cambridge: University Cambridge, 1984. 209 p. (texto traduzido).

TFOUNI. Leda Verdiani. **Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso**. São Paulo: Cortez, 1988. 109 p.

_____. **Alfabetização e Letramento**. São Paulo: Cortez, 1995. 115 p

SILVA, Élson M. da. **Artigo: Reflexões acerca do letramento: origem, contexto e histórico**. Disponível nos site: <http://www.docstoc.com/docs> Acessado em 18/04/2010.

SOUZA, Ângela Leite de. **Lição das horas** (s/d). Belo Horizonte: Miguilim.

VYGOSTSKI, L.S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo. Martins Fontes, 1993.

Mídia:

BALEIRO, ZECA, **O coração do homem bomba**. MZ música e produções Ltda. Rio de Janeiro, 2009.